



# III WORKSHOP DO GEPEID

A EDUCAÇÃO INFANTIL, O CUIDAR, O BRINCAR E O EDUCAR: ENTRE O PENSADO E O VIVIDO NA CONTEMPORANEIDADE

## A ESCUTA COM AS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: contribuições para (re)inventar a jornada das escolas comunitárias

Carolina Abreu SOUSA. **UFMA**. E-mail: carolina.abreu@discente.ufma.br

Sarah Jamilly da Silva FERREIRA. **UFMA**. E-mail: jamilly.sarah@discente.ufma.br

Edith Maria Batista FERREIRA. **UFMA/DE I**. E-mail: edith.maria@ufma.br

### INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, inúmeras discussões, reflexões e políticas públicas voltadas à criança e à Educação Infantil indicam a escola como espaço privilegiado para o desenvolvimento dos indivíduos desde os primeiros anos de vida. Isso suscita, antes de tudo, a conjunta observação de que elas têm passado grande parte do seu tempo em creches ou escolas de educação infantil (Brasil, 2016). Para tanto, mesmo sendo destinadas a elas, as instituições, em sua maioria, se constituem de diretrizes e planejamento pensados por adultos, que muitas vezes se inclinam para um cenário marcado, lamentavelmente, pela presença de exercícios e tarefas geradores de uma rotina meramente escolarizante. Isto é, não oportuniza a manifestação de opiniões nem o envolvimento das crianças, mas, sim, o depósito de conteúdos voltados apenas ao reconhecimento de letras e números, desconsiderando outras formas de desenvolverem-se e expressarem-se.

Esse revés é vivenciado também em algumas escolas comunitárias que oferecem esta etapa da educação básica que, por sua vez, proporcionam uma educação permeada de obstáculos de natureza tanto estrutural quanto político-pedagógica, enfraquecendo, assim, a qualidade da educação a ser oferecida nesses espaços de atendimento à primeira infância.

À luz desse prisma, a partir de uma experiência de pesquisa vivenciada na disciplina de Estágio em Gestão do Trabalho Docente I, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, durante o 2º semestre de 2023, interessou-nos observar como se dá a organização do trabalho docente em um contexto e espaço de uma escola comunitária e conhecer o que as crianças pensam sobre a instituição que frequentam, com o objetivo de analisar como a escuta das crianças pode ser um fator importante no processo de planejamento de rotinas que respeitem os seus direitos de brincar, movimentar-se, experimentar, comunicar-se e ser criança na Educação Infantil. Tal construto torna-se relevante, pois, além de considerarmos a criança como ser criador de sentidos, trazemos ao debate um espaço pouco explorado no ambiente acadêmico de formação inicial que são as instituições comunitárias de educação.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este resumo é decorrente de uma pesquisa realizada em uma escola comunitária localizada em um bairro periférico da cidade de São Luís-MA que atende crianças que moram no entorno. A instituição tem parceria com a Secretaria Municipal de Educação, sendo subsidiada pela associação dos moradores do próprio bairro, bem como pela taxa paga pelos pais. Realizada entre os meses de outubro e novembro de 2022, as visitas ocorreram com ética e participação de todos os sujeitos envolvidos: crianças, pesquisadoras, professoras e colaboradoras pedagógicas.

REALIZAÇÃO



APOIO





# III WORKSHOP DO GEPEID

A EDUCAÇÃO INFANTIL, O CUIDAR, O BRINCAR E O EDUCAR: ENTRE O PENSADO E O VIVIDO NA CONTEMPORANEIDADE

Para tanto, em busca de analisar a rotina desenvolvida nesse espaço e com a finalidade de conhecer o que as crianças pensam sobre a instituição que frequentam, foi utilizada a pesquisa do tipo exploratória, pois essa propicia uma observação geral sobre o objeto de pesquisa e, ao mesmo tempo, o esclarecimento e levantamento de hipóteses para aprofundamento posterior (Gil, 2009).

Nesse sentido, a pesquisa envolveu a busca por referenciais teóricos para fundamentar nossa observação em campo, a escuta das crianças e posteriores reflexões. Desse modo, concordamos com o pensamento de Barbosa e Horn (2019) quando afirmam que a criança tem uma pluralidade de linguagens e cores. Portanto, para captar suas singularidades, é necessário um processo de escuta intencional e cotidiano, o que requer um conjunto de estratégias que possibilitem uma escuta interessada e responsável. Logo, optamos pela utilização do desenho como meio de perceber seus anseios, respeitando suas idades, seu tempo e seu nível de desenvolvimento (Campos, 2008), pois como afirma Staccioli (2011), os desenhos são pensamentos coloridos, o modo como representam a realidade.

A escuta foi realizada em duas turmas (Creche e Pré-1), na qual participaram um total de 16 crianças, sendo 8 de cada turma. Organizamos as crianças da Creche em 2 grupos de 4 e as do Pré-1 em um único grupo ao redor da mesa. Quanto aos materiais, os pincéis e as folhas de papel A4 foram cedidos por nós e pelas professoras. Ao fim da atividade, foi entregue uma lembrança para todos da escola.

Foram 3 dias de pesquisa no turno vespertino, sendo os dois primeiros para fins de observação inicial e o terceiro dia para a realização da atividade de escuta com as crianças. No que se refere a este último, buscamos estabelecer um diálogo com elas, incentivando-as a expressarem sua visão da escola por meio de desenhos, ferramenta utilizada para analisar suas perspectivas. No primeiro momento, propusemos a elas que desenhassem o que mais gostavam na escola e, no segundo momento, o que menos gostavam, e explicassem seus registros. Durante a realização dessa escuta, observamos que algumas delas expandiram seus interesses para além do âmbito escolar, envolvendo familiares e outros amigos, enquanto outras, concentraram seus pensamentos no ambiente da “sala de aula” e em como ele proporciona experiências interessantes para elas.

Os desenhos produzidos, bem como as narrativas elaboradas em relação aos mesmos, constituíram-se o *corpus* da pesquisa, que foi posteriormente analisado, à luz das ferramentas teóricas que dialogam com o objeto em estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreender a importância da escuta no planejamento de todos os fazeres em instituições de educação infantil requer subsídios que a tornem um instrumento de mudança, especialmente em rotinas que não possibilitam às crianças diferentes formas de se expressarem e se desenvolverem. Segundo Horn e Barbosa (2019), a rotina é constituída por todos os momentos que envolvem desde a entrada da criança até a sua saída da escola. É uma sequência de atos que, se não considerar os seus ritmos e sua participação no desenvolvimento das atividades, tornará a rotina um tipo de tecnologia de alienação. Portanto, as análises feitas da realidade pesquisada resultam em reflexões que evidenciam que escutar as crianças é uma forma de oferecer outro significado às rotinas, sem desconsiderar os elementos importantes para a sua formação. No ato de escutá-las, encontraremos pistas para a reformulação do planejamento de atividades que tornem a escola um lugar de experiências significativas e afetivas. Consideramos esse um elemento fundamental a ser vivido

REALIZAÇÃO



APOIO





# III WORKSHOP DO GEPEID

A EDUCAÇÃO INFANTIL, O CUIDAR, O BRINCAR E O EDUCAR: ENTRE O PENSADO E O VIVIDO NA CONTEMPORANEIDADE

nas instituições comunitárias, pois como afirma Canavieira e Doihara (2009), essas escolas surgiram em um período de escassa oferta de educação e ainda enfrentam muitos desafios, que perpassam a baixa qualidade na formação dos professores e sua própria estrutura, que são em sua maioria adaptações em casas tradicionais, fatores que limitam a oferta de uma educação de qualidade.

Para tanto, realizamos a atividade de escuta a partir do desenho individual de cada criança, e com a análise dos mesmos, encontramos verdadeiras orientações que ajudam na superação das limitações dessas instituições, pois, ao escutá-las percebemos lacunas e possibilidades para a organização de um contexto educativo que seja provocador e inesquecível para elas (Barbosa; Horn, 2019).

Iniciada a proposta, foi possível perceber que algumas delas sentiram vergonha ou declararam não saber desenhar. Duas do Pré-1 disseram: “Tia, eu não sei desenhar, desenha um unicórnio pra mim?” ou “Tia, pinta comigo?”. Essas falas nos revelam que as crianças poderiam estar envergonhadas ou não tinham na escola a oportunidade de desenhar ou expressarem-se, uma vez que, nos momentos anteriores de observação, é perceptível que as propostas de aprendizagem são orientadas pelas propostas e conteúdos presentes nos livros didáticos. Essa análise anuncia a necessidade de desmistificar o livro como instrumento que orienta o planejamento pedagógico e dita os conhecimentos que devem estar acessíveis às crianças, uma vez que, empobrecem a autenticidade das práticas pedagógicas, assemelhando essa etapa da educação, ao ensino fundamental e médio no que diz respeito às práticas escolarizantes. Com isso, para pensar em uma rotina significativa, é preciso ter o conhecimento palpável de como elas aprendem e uma concepção clara de Educação Infantil que priorize a realização de atividades significativas que as deixem expressar-se, partilhar, escolher e imaginar.

Quando indagadas sobre o que não gostam, duas das crianças mostraram-se insatisfeitas com os móveis por serem “muito duros”, outras mostraram preferência pelos brinquedos, revelando insatisfação quando estes estão ausentes: “Eu fico com raiva quando não tem brinquedo”. Essa escuta nos mostra que a disposição do espaço e o que ele oferece, influencia diretamente nas condições das atividades a serem desenvolvidas, pois, sabendo que é nesse lugar que as crianças vivenciam suas primeiras experiências, ele deve carregar muitos significados, pois através de sua organização pode-se educar e estabelecer limites, abrindo novas possibilidades para o seu desenvolvimento pessoal. Portanto, é necessário (re)inventar todos os espaços, dando a eles diferentes significados. Os diversos locais dessas instituições precisam permitir que elas explorem, disponibilizando materiais educativos ao alcance delas que potencializem suas experiências e as possibilitem deixar marcas que reflitam sua participação no planejamento das propostas.

Em outra situação, presenciamos que uma das crianças utilizou as folhas A4 para escrever o que estava no quadro e não para o desenho, assim, interpretamos a presença de uma mecanização advinda das cópias de textos e frases soltas em sala, ou até mesmo, um medo de realizar o desenho por pensar que as folhas são destinadas somente a escrita de letras e números. Por isso, devemos estar atentos às atividades que acinzentam o cotidiano nas escolas, com propostas únicas e prontas que bloqueiam as crianças de experimentar, brincar e fantasiar.

## CONSIDERAÇÕES

Escutar as crianças é um dos meios de ver suas diferentes formas de linguagem e perceber os fatores que inibem a sua plena manifestação na escola que

REALIZAÇÃO



APOIO





# III WORKSHOP DO GEPEID

A EDUCAÇÃO INFANTIL, O CUIDAR, O BRINCAR E O EDUCAR: ENTRE O PENSADO E O VIVIDO NA CONTEMPORANEIDADE

frequentam. Na escola comunitária da presente pesquisa, observou-se que a escuta por meio dos desenhos traz revelações sobre suas percepções que, se levadas em consideração no processo de planejamento de rotinas, possibilitarão caminhos para a construção de um espaço que atenda aos requisitos mínimos para a oferta de uma educação de qualidade capaz de superar os desafios enfrentados por essas instituições.

Portanto, escutá-las é transcender as barreiras do pensamento de socialização vertical nas escolas, é tê-las como parceiras no processo de organização dos espaços e das ações ali experienciadas, é observar que o mobiliário, as pinturas nas paredes, o canto de leitura, as experiências pedagógicas e outros elementos, às vezes desapercibidos, devem ser propiciadores e anunciadores de uma rotina comprometida com a descoberta, a aprendizagem e o desenvolvimento da criança.

Por fim, aprendemos que as crianças têm muito a nos dizer, e nós precisamos aprender a ouvi-las. Para isso, necessitamos sair de uma educação 'para as crianças' e ir em direção de uma 'educação com as crianças', em que elas participam de todo o processo como protagonistas.

**Palavras-chave:** educação infantil. escuta. escola comunitária.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria C. S.; HORN, Maria da Graça S. A cada dia a vida na escola com as crianças pequenas nos coloca novos desafios. In: ALBUQUERQUE, Simone S. de; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana V. (org.) **Para pensar a docência na educação infantil**. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2019. cap. 1, p. 17-36

BRASIL. Lei nº 13.257/2016, de 08 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 9 mar. 2016. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm). Acesso em: 28 set. 2023.

CANAVIEIRA, Fabiana O.; DOIHARA, Lye F. A Política de Conveniamento para atendimento de Educação Infantil em São Luís: solução ou impasse? In: JORNADA NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 4., 2009, São Luís. **Anais** [...]. São Luís: UFMA, 2009.

CAMPOS, Maria M. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43-51.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. SÃO PAULO: Atlas, 2009, 200 p.

STACCIOLI, Gianfranco. As di-versões visíveis das imagens infantis. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 21-37, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/8HgGm9Ryp3Bd4DmtrZJSyjj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2023.

REALIZAÇÃO



APOIO

